

## **‘BOY DODÓI’: as narrativas de mulheres em quadrinhos digitais e a representação da masculinidade hegemônica<sup>1</sup>**

### **‘BOY DODÓI’: the narratives of women in digital comics and the representation of hegemonic masculinity**

Marco Túlio Pena Câmara <sup>2</sup>  
Nara Bretas Lage<sup>3</sup>

**Resumo:** A representação de corpos dissidentes perpassa por diferentes mídias, sendo a história em quadrinho uma dessas linguagens que, em um cenário conectado, passou por processos de midiamorfose (Fidler, 1998) ao se firmar como quadrinhos digitais. Nesses produtos midiáticos, as autoras mulheres narram suas próprias experiências, anseios e violências – simbólicas ou não. Este artigo discute a representação dessas mulheres a partir da discussão de masculinidade hegemônica (Connel, 2013), que visa minorizar as mulheres. Por meio dos estudos de narrativas de si (Arfuch, 2003), mostramos as experiências de mulheres que se envolvem com homens, em uma relação de gênero opressora, presentes na série Boy Dodói, que relata encontros e a expressão dessa masculinidade. O trabalho aponta que os quadrinhos digitais se firmam como produções midiáticas de autorrepresentação de histórias criadas a partir de narrativas de si e reforçam a construção de identidades em sua pluralidade.

**Palavras-Chave:** Quadrinhos digitais. Masculinidades. Narrativas de si.

**Abstract:** The representation of dissident bodies permeates different media, with comics being one of these languages that, in a connected scenario, has undergone processes of mediamorphosis (Fidler, 1998) by becoming established as digital comics. In these media, women authors narrate their experiences, desires, and violence - symbolic or otherwise. This paper discusses the representation of these women from the perspective of hegemonic masculinity (Connell, 2013), which aims to minoritize women. Through studies of the narratives of self (Arfuch, 2003), we show the experiences of women who get involved with men in an oppressive gender relationship, present in the series Boy Dodói, which recounts encounters and the expression of this masculinity. The work points out that digital comics are established as media productions of self-representation of stories created from narratives of the self and reinforce the construction of identities in their plurality.

**Keywords:** Digital comics. Masculinity. Narratives of self.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Práticas interacionais, Linguagens e Produção de Sentido na Comunicação. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba - PR. 10 a 13 de junho de 2024.

<sup>2</sup> Docente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCOM) e do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: [marco.camara@mail.uft.edu.br](mailto:marco.camara@mail.uft.edu.br)

<sup>3</sup> Docente na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Doutora em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). E-mail: [narabretaslage@hotmail.com](mailto:narabretaslage@hotmail.com)

## Introdução

O presente trabalho reúne discussões de masculinidades (Connel, 2013), quadrinhos digitais (Lage, 2022) e análise do discurso, por meio dos estudos de narrativas de si (Arfuch, 2003), a partir de histórias em quadrinhos que abordam a fragilidade masculina diante de relações com mulheres, com relatos reais delas. Partindo do pressuposto que tais narrativas figuram como linguagens, é na interação como esses discursos que o sentido é produzido, visando alterar a abordagem misógina de construção social e das práticas interacionais entre gêneros.

O objetivo é apontar características referentes aos estudos das masculinidades que são reproduzidas e experienciadas pelas personagens das histórias em quadrinhos a serem analisadas. Como objeto de estudo, escolhemos uma coletânea de quadrinhos *Boy Dodói*, baseada em relatos reais, que retrata situações do cotidiano envolvendo homens que reproduzem traços considerados da masculinidade “tóxica” – a que os estudos de gênero denominam masculinidade hegemônica. Por meio da análise do discurso e das narrativas de si, buscamos identificar como esses relatos representam esses estereótipos masculinos e as masculinidades possíveis a partir dessas situações ali narradas.

O estudo aponta para a representação de papéis masculinos previamente determinados e impulsionados na sociedade patriarcal, que ignora experiências e desejos das mulheres. Com as análises, percebe-se que as histórias em quadrinhos em formatos digitais, como aqui estudadas, firmam-se enquanto mídia e, como tal, empregam características discursivas que retratam o mundo visando mudanças sociais a partir de suas reflexões e discussões impulsionadas por tais materialidades.

### 1. As narrativas de vida em *Boy Dodói* e a representação de masculinidades

*Boy Dodói* é uma coletânea de quadrinhos concebida por duas jornalistas e quadrinistas brasileiras, Carol Ito (@carolito.hq) e Helô D’Angelo (@helodangeloarte), e a editora Bebeu Abreu (@bebelbooks). Pensada em 2023 e criada com base em relatos reais de mulheres, a série teve início nas redes sociais das artistas, que pediram às leitoras e seguidoras que lhes enviassem, por meio de um formulário no Google, relatos, experiências e

vivências com homens em situações em que eles agem a partir de suas “masculinidades tóxicas”, como anunciam na chamada.

Os quadrinhos aqui analisados partem de relatos e vivências reais de mulheres. Por isso, é importante entender o que significa narrar uma vida, já que tal ato não envolve apenas contar uma história (Lage, 2022). Nesse contexto, a narrativa de vida é uma prática que não apenas incita, mas convida e acaba por obrigar quem narra a reviver acontecimentos do seu passado a partir da rememoração. Esse movimento faz com que narradoras não fiquem presas a um contexto regular e uniforme daquilo que contam, mas sim construam, reconstruam, reinventem e muitas vezes corrijam o que está sendo relatado (Machado, 2015).

Em *Boy Dodói*, as quadrinistas partem de relatos escritos de mulheres que são, em sua essência, rememorações de experiências passadas. De posse deles, elas fazem uma (re)textualização das experiências narradas, transformando-as em quadrinhos digitais. Estes, por sua vez, chegam até ao público a partir da voz de narradoras-personagens que relatam fragmentos de suas vidas a partir de uma narrativa sequencial.

Segundo Arfuch (2003), na narrativa de si, os atos de fala e a sistematização daquilo que se fala em algo convincente deixam rastros e se instauram como práticas convencionais e quase automáticas do sujeito ao se impor sobre uma flutuação caótica de sua memória. Isso porque “uma vida” não pode ser pensada como uma via de mão única preexistente à narração, “mas esta, como forma de relato e, consequentemente, de dar sentido, será um resultado, poderíamos aventurar, contingente” (Arfuch, 2003, p. 8). A linguista explica que os relatos de si reservam à vivência um lugar de privilégio e, por isso, são sempre recomeçados e inconclusos, assim como a própria vida. Assim, as vivências têm relação direta com a vida como um todo e, como são experienciadas a todo momento, são voltadas para algo além de si mesmas (Arfuch, 2003).

Para a autora, o ato de narrar uma vida, “longe de vir ‘representar’ algo já existente, impõe sua forma (e seu sentido) à própria vida” (Arfuch, 2003, p. 30). Narrar-se é, assim, construir-se de fragmentos (da vida, da memória, das experiências e vivências etc.) imersos em gêneros outros que não apenas o genealógico. Arfuch (2003) argumenta que no espaço biográfico contemporâneo articulam-se traços que abrem caminho para leituras e indagações mais diversas quanto às narrativas do eu no que se refere ao “momento” e a “totalidade”, a identificação e a consequente busca por identidade, o paradoxo da perda que implica a restauração, bem como a lógica compensatória da falta. Com base nisso, questiona-se o

caminho que direciona o “eu” ao “nós”, de maneira que deixa transparecer um nós no eu, não como uma adição ou sobreposição de individualidades, tampouco como um agrupamento de “meros acidentes biográficos”, mas agrupamentos homogêneos de valores coletivos e do “(eterno) imaginário da vida como plenitude e realização” (Arfuch, 2003, p. 82).

Esse múltiplo unificado de “eu” e “nós” do espaço biográfico é essencial para traçar as fronteiras imprecisas entre público e privado e entre individual e social. A pesquisadora defende, nesse contexto, que todo relato de experiência, toda biografia, é também coletiva. Isso porque a narrativa de uma vida pode ser tomada como a expressão de um período, de “um grupo, de uma geração, de uma classe, de uma narrativa comum de identidade. É essa qualidade coletiva, como marca impressa na singularidade, que torna relevantes as histórias de vida” (Arfuch, 2003, p. 100). Essa coletividade intrínseca ao narrar-se pode ser vista tanto em gêneros literários tradicionais quanto nos midiáticos, nos quadrinhos, nos das ciências sociais, nos feminismos, na masculinidade e no espaço biográfico contemporâneo, dos quais faz parte *Boy Dodói*.

Nessa direção, e amparada em Grada Kilomba (2019), Lage (2022) entende a narrativa de vida de mulheres em quadrinhos como uma forma de resistência. Isso porque, para Kilomba, o ato de narrar-se é movido por uma vontade e uma necessidade coletiva de recuperar histórias escondidas ao ganhar voz a partir da narrar de si, o que ela vê como um ato político de tornar-se.

A partir dessa perspectiva, percebemos que, na apresentação das HQs, há, em comum, a apresentação de um EU feita pelas mulheres que narram. Nesse sentido, elas trazem “uma introdução de si a partir desse EU que dá a elas o recurso enunciativo necessário para construir as imagens de si” (Lage, 2022, p. 47) e do outro representado pela figura dos “boys dodóis” na narrativa da série aqui analisada. Isso fica evidente quando elas dizem, por exemplo, na Imagem 1 (“Saí com um cara uma vez”), na qual “saí” marca o EU enquanto “cara” evidencia o outro.

Considerando o espaço biográfico do qual fazem parte os fragmentos de vidas narrados em *Boy Dodói* como um todo, e não apenas o digital, os relatos presentes nos quadrinhos firmam-se como experiências pinçadas de momentos que essas mulheres vivenciaram em relações/encontros com homens que seguem determinado padrão de

comportamento masculino. São as falas desses homens, os “Boys dodóis” que marcam o eixo narrativo norteador da série proposta: a masculinidade frágil e tóxica<sup>4</sup>.

O psicanalista Pedro Ambra (2019) acredita que a considerada masculinidade frágil é aquela que não consegue se olhar no espelho e se ver diferente dos ideais. Assim, o que se espera e se vive nesse monopólio masculino, reforçando papéis estáticos de gênero e hierarquização das relações, é denominada masculinidade hegemônica.

Uma vez que a masculinidade e a feminilidade são construídas a partir das relações de gênero que se estabelecem na sociedade, refletindo padrões nas relações de gênero, é fundamental pontuar que elas se dão em uma perspectiva histórica, não autorreprodutiva ou automática. As relações de gênero são, portanto, sociais. Nesse contexto, observa-se a masculinidade externa, em que os poderes são mais visíveis, operando institucionalmente; e interna, a partir das reflexões que se dão a partir dessas relações e questões sociais, raciais e sexuais, carregadas enquanto individualidade. Assim, a hierarquia de gênero não possui nichos múltiplos no topo dela, apesar de se beneficiarem de suas apropriações com representações superficiais.

Nossa intenção, portanto, é apontar os traços pregados pela masculinidade hegemônica, ilustrada como “masculinidade tóxica” em termos populares, comum a esses homens, que invariavelmente são influenciados por ela e reproduzem os comportamentos às mulheres, independentemente de quem seja. Essa generalização é importante para nosso estudo, apesar de assumir a posição crítica de que existem outros tantos tipos de masculinidades (Connel, 2013). No entanto, a partir do conceito de masculinidade hegemônica, percebemos que há um padrão perseguido por esses homens e que é beneficiado pela estrutura patriarcal na qual nossa sociedade está inserida. A partir dessas relações, as mulheres são subalternizadas e sofrem com atitudes imputadas pelos homens.

Nessa construção coletiva de masculinidades, em uma perspectiva dialógica e não individual, Connell (1995) elenca quatro tipos distintos de masculinidades, que nos ajudam no debate analítico e social dos quadrinhos estudados neste trabalho: i) terapia da masculinidade, em que a reflexão individual se sobrepõe à social; ii) o lobby das armas, relacionada à manifestação da força pelos homens; iii) a liberação gay, em uma abertura de liberdade com

<sup>4</sup> Embora a literatura de estudos de masculinidades não abarque esses nomes, escolhemos manter assim pela forma como as próprias histórias nomeiam, para aproximar e pavimentar o caminho para as análises aqui empreendidas.

as sexualidades possíveis; e iv) política de saída ou política transformativa, que busca fugir da representação normativa da masculinidade hegemônica.

Desses itens, destacamos, para este trabalho, os tipos (i) e (iv). A terapia das masculinidades, segundo a autora, ignora os papéis sociais e as relações econômicas e de trabalho que envolvem as questões de gênero, focando apenas na considerada “recuperação terapêutica” dos homens. Esses, que se reconhecem privilegiados, parecem buscar o seu lugar na sociedade patriarcal a qual lhe favorece. Atualmente, tal masculinidade é bastante difundida nas mídias e é retratada, também, nas histórias aqui analisadas, representadas, humoristicamente, pelo papel do “esquerdomacho”, que valoriza e enaltece a mulher, mas reproduz comentários e atitudes misóginas.

A política transformativa tem origem nos movimentos pela liberdade sexual levantados na década de 1970, que marcou a ruptura de estereótipos de opressão sobre as vivências afetivo-sexuais. Porém, a política de saída vai além disso. Sem o foco na sexualidade, a masculinidade pautada nessa característica elencada por Connell (1995) é expressa a partir da fuga do estereótipo de gênero, em uma afirmação identitária. Com isso, busca se separar da divisão do trabalho e do cuidado com a casa e a família, presente em obras como a canção que abre este artigo.

Relacionar esses dois aspectos é importante para este estudo, pois eles questionam a heteronormatividade e a misoginia exacerbada, frutos do império da sociedade patriarcal. No entanto, apesar de indicar possíveis caminhos e saídas, acabam por reproduzir tais práticas, consciente ou inconscientemente, perpetuando, assim, pela sua manutenção. Essa perspectiva aponta que a mudança dessas masculinidades para outras só é possível quando pensadas coletivamente, não partindo de individualismos e microrrelações, como podemos ver nos quadrinhos aqui propostos.

## **2. Quadrinhos digitais: como *boy dodói* está inserido no universo observado**

Segundo consta na descrição da plataforma de financiamento coletivo Catarse, “Boy Dodói é uma coletânea de histórias em quadrinhos sobre masculinidade tóxica. A intenção é promover reflexões sobre comportamentos machistas, sobretudo dentro das relações afetivas, para que eles sejam menos comuns no futuro (pelamor!)”. Ou seja, o objetivo do quadrinho é expor comportamentos machistas e tóxicos de homens, a partir do ponto de vista das

mulheres que sofrem com eles, para conscientizar, promover a reflexão e esperançosamente incentivar homens a repensar suas atitudes e mudar comportamentos.

Nesse contexto, a coletânea *Boy Dodói*, em sua chamada aberta nas redes sociais, recebeu mais de 300 histórias. Destas, as editoras relatam que selecionaram 11 histórias de várias partes do Brasil para transformar em quadrinhos. Além dessas, outras foram transformadas em tirinhas mais curtas durante o período de divulgação da série, três das quais analisamos neste trabalho. Inicialmente, foram publicados quadrinhos no *Instagram* e *Twitter* das produtoras, tendo sido impressas em livro em novembro de 2023. Para este trabalho, observamos o perfil da idealizadora do projeto, Helô D'Angelo que promove a série de tiras a partir de *posts collabs* além de assinar as três HQs analisadas neste artigo.

Assim, coletamos dados durante o período em que a campanha da HQ foi liberada para financiamento coletivo, do dia 07 de julho de 2023, até o dia em que 100% da verba necessária foi arrecadada, 01 de agosto de 2023. Optamos por aqueles quadrinhos totalmente produzidos por Helô (roteiro, ilustração e coloração) e cuja temática gira em torno de primeiros encontros (dates). As HQs foram então coletadas a partir da captura de tela (*printscreen*) via *smartphone*, dispositivo mais utilizado para o uso do aplicativo *Instagram*.

Lage (2022) considera histórias em quadrinhos digitais a partir da produção com auxílio de aparatos tecnológicos digitais, principalmente na distribuição nesses ambientes, com foco nas redes sociais digitais (ou sites de redes sociais), e no auxílio da internet. As quadrinistas encontraram nesses ambientes um importante meio de divulgação, sendo ainda mais reconhecidas a partir deles. Nos quadrinhos digitais, a interação e a troca comunicativa entre autora e leitoras são diretas e simples graças ao imediatismo da internet e das redes sociais digitais. Esses ambientes ainda pressupõem um armazenamento considerado ilimitado, além de um acesso mais fácil a esses dados, tanto aos envolvidos na troca comunicativa quanto por terceiros, quando esta acontece por forma de comentários a postagens, o que a autora comprehende como uma interatividade rastreável.

Além da distribuição, o uso das redes sociais digitais é importante, também, como espaço aberto a vozes que, historicamente, são silenciadas no mercado tradicional do gênero HQ, principalmente mulheres (Lage, 2022). Portanto, a partir dessa divulgação das HQs nas em redes sociais como o *Instagram*, que analisamos neste trabalho, as quadrinistas têm alterado as artes de acordo com as tecnicidades de cada plataforma, adaptando a forma de fazer e publicar os quadrinhos, conforme as mudanças dessas mídias sociais.

É nesse contexto que a produção de quadrinhos digitais se relaciona com o processo de midiamorfose (Fidler, 1998), o qual ressalta as mudanças pelos quais os meios de comunicação passam a partir das interações e necessidades percebidas ao longo dos tempos. Uma mudança nas HQs a ser considerada, portanto, foi a possibilidade de tê-las no ambiente digital, espaço no qual ela passou, e vem passando, por processos de readaptação, ainda que sem perder seu formato tradicional impresso e as linguagens e características relacionadas a ele.

Nesse contexto, os meios de comunicação, ou as mídias - as quais incluímos os quadrinhos e os sites de redes sociais - passam por mudanças que acontecem como resultado de interações complexas entre: necessidades percebidas, pressões políticas, competências e inovações sociais e tecnológicas (Fidler, 1998). Por isso, o autor entende que o presente da mídia é uma mistura do que ela foi, do que acontece neste momento e do que está por vir, já que seu passado não deixa de existir. Uma mídia, portanto, não existe isoladamente, ela está em constante reinvenção e reestruturação para que possa funcionar (Fidler, 1998).

Agora presença constante nos sites de redes sociais, as atualizações e mudanças pelas quais os quadrinhos passam podem ser consideradas uma forma de midiamorfose. Isso porque, tal como acontece com outros meios e formas de comunicação, eles se reinventam e “transmitem valores que variam de sociedade para sociedade, em um processo de socialização que ultrapassa fronteiras físicas e alcança o mundo digital, por meio da internet” (Siqueira; Vieira, 2008, p. 181-182). Passam, assim, por mudanças ocasionadas pela prática de leitura no digital e da presença da internet e das redes sociais digitais na vida diária de pessoas de todo o mundo, bem como das atualizações dessas plataformas tanto no que diz respeito aos usos quanto em relação aos modos de exibição.

Um exemplo disso, aponta Lage (2022), foi a adição do recurso *swipe* (passar para o lado, ou ir para a próxima imagem), no *Instagram* em 2018. Conhecido popularmente como *postcarrossel*, trata-se de um recurso que permite a publicação em sequência de pelo menos duas e no máximo dez mídias, que podem ser imagens, vídeo, arte com texto, ou um mix de todos. O usuário da plataforma pode, assim, acessar todo o conteúdo publicado “passando para o lado”,

a partir de um toque de dedo na direção para a qual você deseja mudar a tela. Percebendo a potencialidade desse mecanismo em facilitar a leitura de quadrinhos na internet, artistas de quadrinhos digitais passaram a disponibilizar suas HQs em seus perfis dividindo suas histórias em várias imagens sequenciais, separadas em quadros que devem ser passados para o lado — em um movimento de leitura

semelhante ao de virar a página —, alguns deles colocando a história completa no último quadro e outros não. (Lage, 2022, p. 162).

A título de pesquisa, e para melhor demonstrar a experiência de ler quadrinhos na rede social em questão, utilizamos o recurso da captura de tela também para mostrar as possibilidades do *Instagramtal* como carrossel e os *posts* vinculados a músicas (Imagens 1 a 4). Ainda assim, para a análise das HQs, optamos pela captura da tela na qual o quadrinho é disponibilizado em sua totalidade, direcionando o recorte apenas para a imagem do quadrinho sem nos preocuparmos em retratar, neste momento, a plataforma na qual ele está inserido.

Além disso, coletamos a tira publicada em 29 de julho de 2023 em que Helô apresenta “Alguns tipos de Boy dodói”. Isso porque ela tem grande relevância para a compreensão das diferentes masculinidades abordadas na obra e, portanto, nos quadrinhos aqui analisados.

**Imagen 1** – *Post* carrossel (*swipe*) com música e anúncio de abertura do Catarse



 Curtido por basilio.juliana e outras 17.366 pessoas

helodangeloarte CATARSE ABERTO! Vai lá no [catarse.me/boydodoi](http://catarse.me/boydodoi) pra garantir o seu livro com histórias REAIS de boys lixo! 🔥 ... mais

[Ver todos os 221 comentários](#)

Fonte: Reprodução Instagram @helodangeloarte

Em *Boy Dodói*, o número de mídias de um carrossel varia, dentre outras coisas, de acordo com a história narrada, e com a artista de cada tira. Ainda assim, estes quadrinhos e *posts* possuem características em comum: as vivências são contadas em quatro quadros, cada

um separado em um carrossel (que podem ser subdivididos em mais de uma imagem/quadro, ou não), estas são seguidas de duas imagens promocionais da série/ projeto na catarse (com texto, desenho e link para o financiamento coletivo), e pôr fim a história completa em uma imagem (Imagen 2 e 3).

Imagenes 2 e 3 – Exemplos de divulgação sobre financiamento coletivo



Fonte: Reprodução *Instagram@helodangeloarte*

Outro recurso, adicionado no *Instagram* em 2019, que pode ser visto em uso pelas artistas de quadrinhos digitais, tal como Helô D'Angelo em *Boy Dodói*, é a publicação em conjunto, que permite que um post (foto, vídeo, arte com texto ou carrossel) seja publicado em dois ou mais perfis simultaneamente. A prática, popularmente conhecida como *collab*(ou colaboradores), foi utilizada por Helô D'Angelo para a divulgação da série em coautoria de post, com os perfis de da editora, do Catarse (plataforma de financiamento coletivo) e das artistas envolvidas na criação das tiras. A prática permite que o conteúdo alcance os seguidores de todos os perfis envolvidos na *collab*, e é muito usada com o objetivo de aumentar as visualizações e interações com a publicação, nesse caso os quadrinhos, tornando tiras e projeto mais conhecidos.

Imagen 4 – Exemplo de *post* com colaboradores



#### Colaboradores



helodangeloarte  
Helô D'Angelo

Seguindo



catarse  
Catarse

Seguir



bebelbooks  
Bebel Books

Seguindo

**Fonte:** Reprodução *Instagram* @helodangeloarte

A partir dessa possibilidade múltipla de diversidade de vozes e de alcance é que está inserido o objeto de estudo aqui proposto. Por isso, é importante ressaltar o caráter colaborativo que as HQs digitais carregam, com construções e representações de histórias reais de pessoas anônimas que são potencializadas pela proximidade entre públicos e artistas, principalmente quando se trata de mulheres sob representação midiática por meio das narrativas de vida (Lage, 2022).

No aspecto metodológico, cruzamos as narrativas de vida, inserida na Análise do Discurso, com os estudos de masculinidades, ainda que elas sejam representadas a partir da visão das mulheres, e não dos homens, mas que retrata a sociedade patriarcal na qual estamos inseridos. Esse entrecruzamento teórico-metodológico se insere na análise qualitativa e

interdisciplinar, impulsionada no GT ao qual este trabalho se inscreve, levando em consideração que aspectos sociais também podem se firmar como percurso metodológico de análise.

### **3. Da sedução à performance: uma análise discursiva das facetas da fragilidade masculina**

Com base no material disponibilizado e a partir do recorte metodológico apresentado, construímos nosso corpus de pesquisa com três tiras que abordam a grande temática do primeiro encontro e como, nesse contato, já é possível perceber falas e atitudes que se enquadram na masculinidade hegemônica anteriormente apresentada, principalmente a partir do critério de terapia da masculinidade, em uma individualização das reflexões e relações de gênero. Dos três quadrinhos selecionados, elencamos em três categorias, respectivamente: i) conquistador, em que faz questão de enfatizar o poder de conquistar várias mulheres como uma vantagem; ii) virilidade, refletida tanto na não aceitação da impotência quanto da imagem de provedor financeiro; iii) classificatório, em que classifica os tipos de homens a partir das suas atitudes e perfis, em uma objetificação que é mais comum dos homens em relação às mulheres, provocando uma inversão de papéis que impulsiona reflexões.

Vale ressaltar que todos os quadrinhos da coletânea são construídos a partir do que as mulheres, as narradoras-personagens, lembram sobre a experiência narrada e sobre esses homens de quem falam. Um resgate de vivências pessoais a partir de memórias passadas. Portanto, ainda que partam de um EU para dizer sobre experiências pessoais, as narradoras-personagens revelam sobre experiências coletivas de mulheres no Brasil quando em contato com homens que performam masculinidades machistas de valores patriarcais.

**Imagen 5:** Quadrinho 1- Dodói Martinho da Vila



Fonte: Reprodução *Instagram* @helodangeloarte

No quadrinho 1, por exemplo, a narradora-personagem descreve um encontro com um “boy dodói”. A experiência começa a ser narrada a partir de um Eu no início do primeiro dos quatro quadros da tira, “Saí com um cara uma vez e:”, seguindo para um diálogo sobre gosto musical.

Publicado no dia 7 de julho de 2023 como um post colaborativo entre Helô D’Angelo e Carol Ito, a HQ é apresentada em um carrossel de sete imagens. Vinculada à publicação de maneira que começa a tocar quando as leitoras visualizam a imagem, está a música “Mulheres”, de Martinho da Vila, mencionada na HQ pelo personagem homem como uma canção pela qual se sente “representado”. Isso porque, segundo o diálogo, ele também “já experimentou todas as mulheres”. Ou seja, mais do que seres racionais com vontades, opiniões e desejos, ele objetifica as mulheres e seus corpos categorizando-as como coisas a serem “experimentadas” por ele. Uma evidente tentativa de provar seu valor como homem

que precisa performar uma masculinidade/imagem de “pegador”, desejado, a quem corpos-mulheres servem. Importante ressaltar que a leitora pode optar por silenciar a música, como apontamos no círculo em vermelho do Quadrinho 1.

Essas representações sexuais e de virilidade reforçam o papel dominante de gênero e se aproveita da liberdade sexual para continuar a reproduzir estereótipos e comportamentos abusivos e de objetificação feminina. Ao mesmo tempo em que parece buscar se afastar de características dominantes e definidoras que o ajudam a fugir de estereótipos masculinos, como gosto musical, o personagem retratado se aproveita da ocasião para se fazer valer como dominante, no papel de sedutor irresistível, pelo qual todas as mulheres se sentiriam atraídas. Tal visão reforça a misoginia que menospreza a vontade da mulher em detrimento à representação máscula do homem, enquanto um papel e representação de poder de gênero.

Ainda nessa temática de encontro e a representação do poder na conquista, o quadrinho da Imagem 6 (Quadrinho 2) aborda outra situação em que a virilidade e os papéis de gênero previamente definidos continuam por perpetuar nas relações sexuais.

**Imagen 6:** Quadrinho 2 – Dodói *Tinder*



**Fonte:** reprodução *Instagram@helodangeloarte*

No quadrinho 2, a mulher também começa a narrar sua experiência de primeiro encontro no início do primeiro de quatro quadros, estes subdivididos em duas partes cada, “Marquei date com um moço de App as 18h. Minutos antes”. Alternando conversas via aplicativo de mensagem e pessoalmente, a narradora descreve seu breve envolvimento com um “Boy dodói”, a quem ela chama de Dodói *Tinder*, que na época passava por um jejum intermitente. Jejum este que foi usado tanto como motivo para adiantar o encontro, como para trocar o jantar por um lanche e ainda como justificativa para a sua impotência sexual.

Na HQ percebemos uma urgência do personagem homem em performar sua masculinidade hegemônica e dominadora, fruto da imposição da virilidade, ao escolher ir ao motel, mesmo quando tinha dúvidas se conseguiria consumar o ato sexual, o que fica claro em “Quer dizer, não tô muito bem, deixa pra outro dia... Não...vamos sim!”. Isso também aparece quando ele decide assumir para si os gastos do encontro quando a mulher sugere a divisão da conta ao que ele responde “Jamais! Eu pago tudo!”. Ao mesmo tempo, quando não consegue alcançar a performance desejada ou muda de ideia quanto ao arcar com os gastos, ele se justifica culpando o jejum e a mulher: “Isso nunca acontece! Foi esse jejum intermitente!”, “foi um erro sair com você”, e se justifica “ando meio nervoso por causa do jejum”.

Todo esse jogo narrativo apresenta estratégias discursivas de convencimento para que o encontro acontecesse ao mesmo tempo em que tenta provar sua virilidade e o papel de provedor, reafirmando as estruturas sociais de gênero estabelecidas historicamente na sociedade patriarcal. Tais representações podem ser confirmadas na insistência da performatividade sexual imposta - frustrada pela impotência, e o domínio financeiro - que não durou até o dia seguinte.

A masculinidade retratada neste quadrinho evoca a necessidade da política transformativa (Connell, 1995), uma vez que se faz necessário construir uma base coletiva sólida para que se compreenda que os papéis anteriormente definidos não se fazem valer, tampouco permitem mudanças de tratamento e comportamento entre homens e mulheres. A atitude final do personagem em questão demonstra a fragilidade do homem quando sua masculinidade hegemônica, viril e provedora é colocada em prova: como não conseguiu performar seus atributos estereotipados, buscou-se contato com a mulher para que

minimizasse os danos, culpabilizando-a pelo fracasso que havia sido, ainda que a mulher o tenha compreendido e oferecido ajuda.

Por fim, a Imagem 7 (Quadrinho 3) ilustra alguns tipos do “Boy Dodói”, com base em determinadas categorias das mais comuns e nos relatos recebidos. Alguns deles chamam atenção de acordo com o que discutimos até aqui neste artigo.

Imagen 7: Quadrinho 3 - Alguns tipos de Boy Dodói



Fonte: reprodução *Instagram@helodangeloarte*

O primeiro personagem estereotipado tratado pela tirinha é o “Boy Pôdi”, fazendo referência a hábitos anti-higiênicos do homem, que sempre acha que tem pessoas a serviço

dele, que limpe a sujeira que ele mesmo causou, colocando a mulher na posição de subordinação e que está sempre a serviço dele. No mesmo sentido, o homem mimado é retratado no outro personagem, o “Mamãe mandou”. A crítica, aqui, se dá pelo homem mimado que é infantilizado, como se fosse incapaz de fazer tarefas cotidianas básicas, dependendo de uma mulher para realizá-la. Esse estereótipo também denota a invisibilidade do trabalho do cuidado que a mulher exerce, uma vez que usa sempre a mãe como referência para o bom trabalho e bom cuidado, ainda que não valorizado monetariamente.

O “Vampiro de autoestima” busca diminuir a mulher por meio da vaidade, questionando a necessidade e autoestima dela, visando diminuí-la para que ele continue exercendo seu poder nessa relação de gênero previamente definida e marcada por tais violências e opressões. O Boy “Prometeu e não cumpriu” guarda relações com aqueles que, na conquista, fazem promessas amorosas e de fidelidade que não se cumprem, fazendo parte do seu jogo de sedução. Enquanto certa continuidade, o “Ghosting” se trata de uma prática tipicamente masculina de sumir e ignorar/parar de responder à mulher que conheceu e estava criando laços de envolvimento. Relacionado à promessa não cumprida, esse tipo de boy não assume suas responsabilidades básicas e honestas de manter contato, preferindo sumir para não encarar suas fragilidades.

Por fim, os dois tipos que mais se enquadram com os perfis aqui analisados: “Autoestima da p\*rra”, ligado ao Quadrinho 1; e o “Esquerdomacho”, representando a terapia da masculinidade (Connell, 1995). O “boy autoestima” se vangloria de seus possíveis atributos pessoais e acredita que é superior a outros homens e outras pessoas, o que acaba por reproduzir opressões e objetificações das mulheres. No patriarcado, a autoestima masculina é acompanhada de episódios opressivos pautados na relação de poder de gênero que embasa a sociedade.

Enquanto isso, o “esquerdomacho” se vangloria de buscar refletir e fazer o mínimo em relação às questões e ações de opressão, no entanto, não o buscam de modo coletivo, mas sim se enaltecedo no campo particular. A individualidade do discurso, não aliado às atitudes, tampouco pautadas no coletivo são características que fazem desse tipo de homem mais um reproduzidor e causador de desigualdades, contribuindo, portanto, para a manutenção desse espectro social da sociedade patriarcal, machista e misógina na qual estamos inseridos.

Com base nos três quadrinhos analisados, percebemos que as narradoras-personagens retratam diversos tipos de homens cujo ponto de encontro é a manutenção da misoginia e a

imposição e aproveitamento do poder de gênero nas relações sociais. Isso é provado pelas falas dos homens, ainda que estejam sob o viés individual e não coletivo, o que mostra que a verdadeira mudança só vai acontecer quando houver reflexões e atitudes que visem a mudança estrutural de representação e de poder pautados nas relações de gênero.

Desse modo, acreditamos que as personagens retratadas nos quadrinhos da série evocam um Eu para dizer da sua relação com o Outro, que é o homem retratado pelos quadrinhos. Ou seja, são experiências narradas a partir da voz e perspectiva das mulheres, que evocam esse Eu, ainda que indireto, ao dizer por exemplo, “saí com um cara” ou “fui embora”, “marquei”, “eu ainda sugeri”. Ao fazê-lo, elas dizem sobre outros personagens, esses homens, que têm sua voz apresentada a partir dos diálogos e balões de fala e são descritos a partir da memória e perspectiva das mulheres que narram.

## Considerações Finais

A partir das discussões aqui empreendidas, podemos considerar que as histórias em quadrinhos podem ser produções midiáticas de autorrepresentação de histórias criadas a partir de narrativas de si, ainda que não sejam autobiográficas pelas próprias autoras dos quadrinhos. Essas narrativas de si podem, ainda, evocar outras histórias e representações que se dão pelas vivências ali representadas, relacionando-se e impactando na construção social de gênero, relações afetivas, entre outros quesitos a serem representados gráfica e discursivamente.

Tais narrativas empreendem papel fundamental de identificação com o público, mas, mais que isso, também impulsionam a reflexão na construção da identidade e, no caso do objeto aqui estudado, na reconstrução da masculinidade hegemônica a partir de suas problematizações e atualizações. Relacionar representações de gênero com discursos de HQs, por meio de narrativas de si, coloca-se como possibilidade não só de abordagem e metodologia de pesquisa, mas também como possível objetivo social de tais produtos midiáticos.

Por fim, entendemos que este estudo contribui para a discussão acerca da masculinidade hegemônica e sua representação nas mídias por meio da linguagem e dos aspectos discursivos, refletindo a produção de sentido que se promova a partir daí. Lançar luz às masculinidades é fundamental para os estudos de gênero, compreendendo a relação de

poder que existe entre eles, com a dominação masculina. Acreditamos, ainda, que nosso trabalho pode somar às discussões de linguagens na comunicação digital a partir da peculiaridade das histórias em quadrinhos enquanto gênero discursivo e objeto midiático que está em constante circulação nos ambientes digitais.

Importante ressaltar que este estudo não esgota as possibilidades de análise do sujeito de estudo. *Boy Dodói* se mostra um rico e importante material mercadológico e como base de análises acadêmicas, seja no campo da comunicação, seja nas artes visuais ou até nas ciências sociais, com foco na representação de gênero e suas relações.

## Referências

- AMBRA, Pedro. Cartografia da masculinidade. In: **Revista Cult.** Número 242, ano 22, fevereiro de 2019.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico:** dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: Editora Uerj, 2003.
- CONNEL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Santa Catarina, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.
- CONNELL, Robert. Políticas da masculinidade. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez.1995.
- FIDLER, Roger. **Mediamorfosis:** comprender los nuevos medios. Buenos Aires; Barcelona; México: Granica, 1998.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação:** episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LAGE, Nara Bretas. **Aconteceu Comigo:** Mulheres, narrativas e violências nos quadrinhos de Laura Athayde. 2022. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagens) — Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.
- MACHADO, Ida Lúcia. A narrativa de vida como materialidade discursiva. **Revista da ABRALIN**, v. 14, n. 2, p. 95-108, jul./dez. 2015.
- SIQUEIRA, Denise; VIEIRA, Marcos. De comportadas a sedutoras: representações das mulheres nos quadrinhos. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 5, n. 13, p. 179-197, jul. 2009.